

O ÚLTIMO REDUTO LEGALISTA
AS AÇÕES DA REVOLUÇÃO DE TRINTA EM FLORIANÓPOLIS,
PRINCIPAL RESISTÊNCIA NO BRASIL MERIDIONAL

Fábio Paulo da Silva

Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006).

E-mail: fabiopaulod@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa as ações da Revolução de Trinta transcorridas em Florianópolis e que culminaram com a derrubada dos dirigentes legais do país. A cidade se colocou como o principal reduto da defesa da legalidade no Brasil meridional e resiste até o último dia do movimento. A análise assentou-se em fontes primárias como jornais, telegramas, documentos oficiais, documentos extra-oficiais, relatos orais e fontes historiográficas. O principal objetivo é a busca das razões que destacaram Florianópolis como principal foco de defesa na região e o envolvimento da imprensa no processo de afirmação dos dirigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução de Trinta. Florianópolis. Imprensa. Política.

THE LAST LEGALIST REDOUBT ACTIONS OF THE 1930
REVOLUTION IN FLORIANOPOLIS MAIN RESISTANCE IN SOUTH
OF BRAZIL

ABSTRACT: This article analyzes the actions of 1930 Revolution which occurred in Florianopolis and brought down the legal country's government. The city was the main place of resistance in defense of legality in southern Brazil and resisted until the last day of the movement. The analysis was based on primary sources such as newspapers, telegrams, official documents, extra-official documents, oral reports and historiographical sources. The main objective is the search for the reasons that stand out Florianopolis as the main focus of defense in the south region and the involvement of the press in the process of government's affirmation.

KEYWORDS: 1930 Revolution. Florianopolis. Press. Politic.

O significado do outubro de trinta para a história do Brasil não é único, nem mesmo há uma definição conclusiva das motivações que levaram os opositores a promover tais manobras militares que culminaram na derrubada de Washington Luís. É nesse contexto que se situa a pesquisa apresentada nesse artigo, que tem a finalidade de mostrar e analisar as ações e repercussões da revolução de trinta em território catarinense. Um dos principais objetivos é mostrar a posição ímpar de Florianópolis no sul do Brasil, já que essa capital se colocou como reduto de resistência legalista. Paralelo às manobras militares destaca-se o confronto político entre os remanescentes do Partido Republicano Catarinense (PRC), que até

a década de 1920 era hegemônico, e a nova agremiação político-partidária chamada de Aliança Liberal, que era formado por dissidentes do PRC. Em meio às eleições presidenciais de 1930 se destaca a atuação da imprensa no processo de afirmação dos ideais políticos que cada periódico defendia. Dessa forma, a análise dos jornais da década de 1920 e 1930 foi determinante para se identificar os grupos políticos no qual cada órgão de imprensa estava vinculado. Para complementar a análise dos periódicos foi necessário recorrer a outras fontes de pesquisa como cartas, telegramas, relatos orais e fontes bibliográficas.

No contexto político de Santa Catarina é importante ressaltar que as eleições de 1918 foram determinantes para o fortalecimento da influência política de Hercílio Luz e o conseqüente refreamento da imagem de Lauro Muller no cenário político catarinense. Isto, de fato, contribuiu para a formação de uma oposição aos hercilistas¹. Desta forma, a região de Lages, no planalto catarinense, firmou-se como um reduto oposicionista na região. Mas essa posição de Lages não é por acaso, a preponderância dos grandes proprietários de terra era notória e refletia-se na política estadual, tanto que durante a Primeira República temos dois presidentes estaduais oriundos de Lages: Felipe Schimidt e Vidal Ramos. Este rompe com o PRC em 1920, pois Hercílio Luz havia recusado a indicação de seu filho, Nereu Ramos, na chapa para o Congresso Nacional. Isto fez com que Nereu Ramos fundasse a Reação Republicana no ano de 1921². Desta forma, os laços econômicos, culturais e geográficos contribuíram para consolidar a aproximação política do planalto catarinense com o Rio Grande do Sul, o que fez seus representantes se unirem em torno de uma oposição mais sólida e em nível nacional. A prova desse viés é o engajamento de Vidal Ramos à Aliança Liberal em 1929, que é evidenciado através de um telegrama enviado a Getúlio Vargas. Este telegrama foi publicado no jornal *Folha Nova* de Florianópolis em 03 de agosto de 1929:

Desde a primeira hora coerente com o meu passado estive ao lado da Aliança Rio Grande-Minas. Cumpro agora o dever de informar o eminente chefe e amigo que o velho soldado não faltou á chamada. Faço ardentes votos pela Victoria da chapa liberal a frente da qual está o jovem e illustre estadista gaúcho que o paiz inteiro admira. Respeitosas saudações. Abraço affectuosamente presado amigo. (A). Vidal Ramos, deputado por Santa Catharina.³

A agremiação político-partidária chamada de Aliança Liberal teve sua formação em 1929. Essa aliança era formada principalmente por dissidentes das oligarquias regionais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, e tinha o propósito de lançar uma chapa de oposição nas eleições presidenciais de 1930 e assim o fez. Desta forma a Aliança Liberal

concorreu às eleições com a chapa formada por Getúlio Vargas e João Pessoa, para presidente e vice-presidente da República respectivamente. O primeiro era presidente do estado do Rio Grande do Sul e o último, da Paraíba. A chapa governista era formada por Júlio Prestes e Vital Soares⁴.

Em meio ao processo eleitoral foi criado um clima de otimismo por alguns setores da imprensa em torno da possibilidade de vitória da chapa liberal. Esse otimismo é destacado principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, mas no decorrer do processo eleitoral, a euforia dá vez a um clima de denúncias de fraude, notabilizado pelo jornal *Estado do Rio Grande* de Porto Alegre, que se torna uma tribuna para os líderes da oposição externarem suas idéias. Assis Brasil⁵ afirma, na edição do dia 19 de março de 1930, que nunca houve uma eleição no Brasil e que “o país está próximo da liberdade”⁶, confabulando a hipótese de uma ação coercitiva. O periódico riograndense destaca os episódios revolucionários da Paraíba, mostrando-se solidário à sua causa. Nesse ínterim, o acontecimento mais enfatizado foi o assassinato de João Pessoa⁷. Segundo notícia de capa publicada no jornal *O Estado*, de 28 de Julho de 1930, o assassinato de João Pessoa se sucedeu às dezessete horas e vinte minutos do dia vinte e sete de julho em Recife, na Confeitaria Glória. O então presidente da Paraíba estava na companhia de vários amigos, quando no citado momento apareceu João Dantas que o alvejou com dois tiros no peito e um no pulso. O algoz foi imediatamente retaliado pelo chofer de João Pessoa, que ficou ferido. Entre João Dantas e João Pessoa, havia uma inimizade, exasperada nos últimos meses antes do ocorrido. Para justificar o assassinato, Dantas declara questão de honra pessoal, pois segundo ele, o então presidente da Paraíba havia mandado depredar a sua residência em Teixeira, além de uma suposta campanha de difamação. Mas apesar da razão pronunciada, ele se sentia arrependido e aguardava a ação da justiça⁸.

A nosso ver parece um tanto precipitado afirmar que o assassinato de João Pessoa teve caráter decisivo na eclosão da revolução. Mesmo porque o acontecimento foi apenas a trinta e seis dias do início das manobras. E independente disso, quando o resultado da eleição começou a desenhar a vitória da chapa situacionista, já havia evidências de um movimento para a reversão do processo eleitoral. Uma demonstração de que a revolução já estava nos planos da Aliança Liberal, é o telegrama de Borges de Medeiros a Getúlio Vargas enviado no dia primeiro de junho de 1930, assim como se segue:

Tive o prazer de receber, esta manhã, a sua carta de 16 do corrente, acompanhada da cópia de uma outra que o senador Flores da Cunha dirigiu o

presidente Antonio Carlos, em data de 3, também deste mez. A **gravidade do assumpto** impelle-me a responder-lhe, hoje mesmo, externando, em poucas linhas, o que me dicta a reflexão e a experiência. Creio que o dever supremo é tudo envidar para evitar-se a **calamidade de opportuno o que suggere o Antonio Carlos**, sem prejuízo de outra qualquer iniciativa tendente ao mesmo fim. Si todos os tentamens apaziguadores foram em vão, e **desencadear-se afinal a tempestade**, parece-me que só nos restará então guardar a única attitude que as nossas tradições e principios poderão justificar: não apoiar e não defender **o poder federal que, por seus desmandos e brutalidades, será o principal responsável pela insurreição**; mas tambem não comprometter o Rio Grande official, como dirigente ou coparticipante do **movimento**, em antagonismo com os fins do estado, cuja função precípua se resume sempre na manutenção da ordem e da lei, sem as quaes o governo perde toda a autoridade e razão de ser. **Ficaremos assim, diante da revolução em attitude passiva, mas sympathica, não combatendo de nenhum modo, e não a tolhendo na sua liberdade de acção.** É o que me ocorre submeter á sua apreciação, sem excluir a minha solidariedade com a resolução que venha tomar, e que lhe pareça mais consentânea com as responsabilidades officiaes e políticas, decorrentes do seu cargo e dos compromissos com a “Alliança Liberal”. Abraça-o affectuosamente. (As.) Borges de Medeiros⁹ (Grifo nosso).

As palavras e frases destacadas do telegrama de Borges de Medeiros a Getúlio Vargas mostram claramente em seu contexto que a idéia de revolução já era latente entre as lideranças da Aliança Liberal. A sugestão de Borges de Medeiros era que o Estado do Rio Grande do Sul mantivesse uma posição não diretamente vinculada ao movimento. Contudo se pode concluir que o movimento, posto em prática em outubro de 1930, já estava sendo articulado desde a iminente vitória da chapa governista. Por isso, a partir da definição das eleições, amplamente a favor da chapa governista, iniciam-se as especulações a respeito de ações revolucionárias. Nesse caso, cabia aos aliancistas desmentir os boatos e aos governistas se preparar para um possível confronto.

As manobras militares foram programadas para iniciar simultaneamente em todo o país, mais especificamente em todos os estados onde havia bases aliancistas. Os envolvidos receberam a comunicação oficial de Lindolfo Collor e Oswaldo Aranha, deflagrando a revolução para o dia 03 de outubro. A comunicação apresentou as decisões tomadas numa reunião que aconteceu em Porto Alegre no dia 25 de setembro. Participaram dessa reunião: Oswaldo Aranha, João Alberto e Maurício Cardoso, a fim de definir as ações efetivas do movimento. O comunicado assim dizia:

[...] A situação definitiva é a seguinte; o movimento será simultâneo em todo o país. Para isso cumpre ao Rio: 1) deflagrar o movimento dia treis, sexta feira, ás 17 horas (cinco e meia da tarde); 2) nesse dia, á mesma hora, levantar-se-a o Rio Grande; 3) nada modificará esta decisão, ultima e

irrevogável. O movimento no Rio deve, no mínimo, desarticular o Governo, perturbando por todas as formas as direcções civis e altos commandos militares. A presente ligação só deve ser communicada ao Djalma Dutra para orientar a sua acção em S. Paulo, e a um official de capacidade, que a direcção do Rio deve fazer seguir para matto Grosso, afim de assumir o commando dos nossos elementos, tomando por base Campo Grande. A perturbação do rio, se não victoriosa, deve ser mantida o maior tempo possível, facilitando assim a acção nos demais estados. As demais ligações e providencias, inclusive a communicação da data, mesmo para Minas, ficam unicamente a nosso cargo. Cumpre-me chamar atenção dos amigos de que unicamente a nosso cargo. Cumpre-me chamar atenção dos amigos de que unicamente nos signatarios e destinatários desta somos os actuaes conhecedores da data. Affectuosamente. Oswaldo Aranha. Porto Alegre, 25/09/1930.¹⁰

No dia 05 de outubro foi publicado na primeira página do jornal *Republica* de Florianópolis, uma mensagem oficial de Washington Luís, na qual ele comunica ao Congresso a necessidade de se declarar o estado de sítio nos territórios de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e Rio de Janeiro. Segundo informações por ele passadas, no dia 03 de outubro iniciara um “movimento subversivo em Belo Horizonte e porto Alegre”¹¹ que consequentemente repercutira nas demais cidades desses estados. Este comunicado mostra toda a preocupação de Washington Luiz com as perturbações da legalidade que estavam se desenhando. Para ele, o movimento estava sendo arquitetado pelos governos regionais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Mesmo assim, as atitudes dos políticos e forças armadas, avalizados pela imprensa partidária, convergiam para ocultar ao máximo os sucessos do movimento político-militar que eclodiu no dia 03 de outubro. E uma missão passou a ser uma questão irrefutável, defender a cidade de Florianópolis das tropas que vinham do Rio Grande do Sul.

A REVOLUÇÃO ‘DELES’

Será apresentada a seguir, a transcrição de um importante relato referente às ações militares ocorridas em outubro de 1930 dentro do território catarinense, mais especificamente do combate da Serra da Garganta em Anitápolis, onde ocorreu o confronto entre legalistas e a coluna do litoral, chefiada por Trifino Corrêa. As palavras são de um sobrevivente do Combate:

De repente, pelas 11 horas, ouvi atras de mim uns tiros. Pensei que fossem oficiais para experimentar nossa coragem. Fiquei no lugar. Mas logo vi, descendo pelo mato, dezenas de soldados com lenço vermelho. Não havia duvida. Eram os gaúchos. Nem pensei na winchester e saltei barranco

abaixo. Foi nesse momento que uma bala atingiu-me no ombro, deixando-me um braço adormecido. Meus colegas correram estrada abaixo, sendo ferido o Miguel Schimidt de Teresópolis. Uns agarraram o mato e outros ocultaram-se num boeiro, onde foram presos. Prederam-me, e atiraram-me contra o barranco com outros companheiros. Mandaram que nos agachássemos num valo da estrada: “Não levantem a cabeça”, berrava o comandante do piquete, Tenente Camilo. As balas velhas zuniam por cima de nossas cabeças. Lá conosco, no valo estavam os traidores João e Zé Domingos: “Ô compadre, onde que nos fomos mete!” Logo abaixo, na outra curva havia duas metralhadoras nossas. Parece que o cabo Carneiro conseguiu virar para trás e fazer fogo contra os assaltantes. Aí teria matado ou ferido alguns deles. Mas as metralhadoras logo calaram. A luta foi mais encarniçada no Galpão e na trincheira da primeira linha. Tiroteio de ensurdecer. Da Gargantinha as metralhadoras também abriram fogo contra nossa posição. As balas velhas derrubavam folhas e galhos por cima de nós como nos dias de grande ventania. Penso que foi uma hora de fogo. Talvez foi menos. A corneta revolucionária tocou vitória. O tiroteio cessou. Mas lá haviam ficado 7 dos nossos. Um foi encontrado morto mais tarde no Rio Branco, na floresta. Na lista geral foram dados como desaparecidos 14. Talvez algum a mais tenha fugido e, ferido, tenha caído enxágüe em meio a mata sem fim. Do lado deles parece que morreram dois soldados e um tenente. Os que não puderam fugir foram presos. Até o chefe dos civis o “tenente” Fábio Silva, de Araranguá, foi preso dentro de um pau oco em que se refugiara. O falecido Agostinho tinha sido atingido por uma rajada de metralhadora e estava agonizando. Pediu um cigarro, e um dos companheiros afastou-se um pouco e deu cabo dos seus sofrimentos. Os mortos foram enrolados em cobertores, e atirados numa vala pouco funda, seis numa vala só, e cobertos com muita terra escavada do barranco. É o local que está a uns 4 metros da cruz da beira da estrada. Agostinho foi enterrado no local mesmo onde morreu, a uns 20 metros da outra campa, mais abaixo, também a uns cinco metros da estrada. A maioria de nós caiu prisioneiro. Logo que nos pegavam, tiravam nossa cinta, e agarravam os botões das calças para que não pudéssemos fugir com facilidade, tendo que segurar as calças com uma das mãos. Com tiras rasgadas dos nossos cobertores do rancho amarraram dois a dois os prisioneiros encostando-os no barranco. Ali permaneceram até o dia seguinte, tendo aceso uma grande fogueira durante a noite. Nós, os feridos, fomos transportados, logo a tarde, até Rio Pinheiros, onde o exercito revolucionário instalara uma farmácia de campo. Depois nos trancaram num quarto. Até nos trataram bem. Penso até porque eu expliquei que não fora por vontade que lá estávamos, e que fôramos enganados, dizendo que era pra cercar um bandido. Ainda mais, tirei do bolso um lençinho que o escrivão de Anitápolis me dera, um lençinho desses com uma figura do Getúlio. Parece que se convenceram. No dia seguinte um caminhão trouxe os demais prisioneiros. Encostaram todo mundo na parede ameaçando degolar todos. Tinham um enorme facão em que haviam escrito um nome: Fábio Silva. Era esse que mais procuravam, e que certamente teria sido morto. Mas ninguém o denunciou. Batiam em cada um dizendo: “Você é o Fabio Silva?” Mas os oficiais superiores não permitiram a morte de ninguém. Depois de 5 dias seguimos presos pra Palhoça, onde ficamos mais 5 dias amontoados dentro de uma sala pequena para tanta gente. Depois nos soltaram.¹²

Esse relato mostra uma versão sobre os acontecimentos do combate da Serra da Garganta, ocorrido em 16 de outubro de 1930, narrados Sálvio Rodrigues Brasil, um civil recrutado pelas hordas do governo para cercar supostos bandidos que passariam por aquele local. No entanto, mal sabia ele que os tais bandidos eram na verdade integrantes da coluna de Trifino Correa, que tinham a missão de ocupar o litoral catarinense. A Serra da Garganta se configurava como um local estratégico já que o litoral era defendido pelos torpedeiros, que a qualquer sinal de movimento lançavam seus violentos disparos, portanto, a entrada das tropas através de Anitápolis os manteria fora do alcance dos torpedeiros, até a chegada a Florianópolis¹³.

André Trifino Corrêa nasceu na cidade de Alegrete no Rio Grande do Sul no ano de 1904 e estava entre os tenentistas que participaram ativamente da Coluna Prestes, desde seu início em 1924. Trifino fizera parte da Brigada Gaúcha, formada por oitocentos homens sob o comando de Luis Carlos Prestes. Depois do exílio na cidade de *Paso de Los Libres*, na Argentina, voltou clandestinamente ao Brasil para se juntar à Aliança Liberal e combater na revolução de trinta¹⁴. Em um texto publicado no jornal *O Estado* de 30 de outubro de 1930, Trifino Correa conta com detalhes a trajetória de sua coluna. Trifino Corrêa partiu de Porto Alegre sob as ordens de Oswaldo Aranha e João Alberto, incumbido de invadir Santa Catarina através do litoral. Os beligerantes se encontraram em Torres, onde ganhariam reforços de mais trezentos homens, mas devido a problemas de comunicação, o intendente Kraus não teve tempo hábil para reunir o prometido reforço. A coluna não dispunha de muito tempo, pois havia chegado a Torres na noite do dia dois de outubro com as ordens de iniciar a tomada de Santa Catarina no dia seguinte às treze horas. Além do intendente não ter recrutado homens suficientes, o armamento disponível na cidade supria uma guarnição de apenas cem homens¹⁵.

Apesar dos percalços, a invasão ao território catarinense se iniciou na hora prevista e a coluna partiu em seis caminhões com destino a Araranguá, localizada na região sul de Santa Catarina. Nesse momento a tropa de Trifino Correa possuía vinte e seis homens, em sua maioria inexperientes no manuseio de armas. Passando por Criciúma ainda no dia três, a coluna prendeu um trem de carga e seguiu nele com destino a Tubarão. A essa altura contava com apenas dezoito homens, mesmo assim ocuparam Tubarão sem maiores problemas. Nessa mesma cidade, a 130 quilômetros de Florianópolis, chega a notícia de que cem homens do governo marchavam para Tubarão e que a cidade seria atacada durante a noite por um efetivo de mil homens da polícia catarinense, no entanto, essa ação legalista não aconteceu. Por precaução, parte da tropa havia dormido no trem para facilitar uma possível fuga e, além disso, alguns caminhões retornaram para buscar reforços. Dois dias depois o coronel Fontoura

mandou oitenta homens além dos trinta enviados pelo intendente de Torres, o tenente Tácito de Tubarão conseguira enviar apenas cinco soldados, que se juntaram à coluna do litoral¹⁶.

A descrição que será apresentada trata dos acontecimentos subseqüentes da marcha da coluna do litoral, com as palavras do chefe desta missão:

Marchei conjuntamente sobre a garganta de Anitápolis e Imbituba. Retirando-se de Tubarão, os praças da polícia desta cidade haviam tomado a estrada de Anitápolis e, por onde passavam destruíam as pontes. A marcha da coluna tornou-se, por isso mais lenta. Era transportar material de sapa e madeirame e reconstruir largos trechos de pontilhões. Na garganta de Annitapolis a força do governo entrincheirava-se fortemente, em optima posição, além da destruição da entrada, as chuvas fortísimas tornaram intransponível o Rio da Prata (sic)¹⁷; e mais ainda, eu não podia fornecer uma retaguarda para a força que teria de atacar a posição inimiga por falta de homens. Eu temia que com um desembarque na costa, me cortassem a retaguarda nesse ponto. Ocupei uma posição no Rio Fortuna e lá aguardei reforço. Quando a brigada, sob o comando do Cel. Mirandulino chegou a Annitapolis, lá encontrou uma vanguarda minha com quinze homens escolhidos, com um fuzil-metralhadora. Esse destacamento acompanhou a Brigada Militar e tomou parte no combate da garganta. O resto, eu fora obrigado a retirar para poder guarnecer o vasto litoral, avançando sobre o Morro dos Cavallos, a outra posição inimiga. Em Tubarão chegavam as instantes notícias alarmantes sobre o bombardeio de Imbituba. Lá foi tentado um desembarque que parte da minha força de vanguarda, vinte homens sob o comando do Cel. Fernandes repeliu efficientemente pondo em fuga o destroyer e o navio que elle comboiava. Os bombardeios da costa, porém, proseguiram e, com o fito de deslocar-os fui marchando pela praia sobre o Morro dos Cavallos. Já deixando a força de ocupação de certo. Em Laguna ficaram 40 homens, em Imbituba 100 homens, em Garopaba um pequeno destacamento e assim por diante. A vanguarda ainda sob o comando do Cel. Fernandes entrou em contacto com o inimigo em Massiambú onde houve um pequeno tiroteio com guardas adversarios que perderam um homem. Isso foi o bastante para que abandonassem as trincheiras e, então, poudé marchar tranqüilamente ate Palhoça. Esta operação, porém, foi mais lenta do que eu desejava devido a falta de recursos com que lutava para a defesa do vasto litoral onde se encontram ás dezenas pontos de desembarque que tiravam a segurança a qualquer marcha menos cautelosa. [...] Durante toda a marcha sobre o litoral, minha força recebeu fogo dos destroyers que tomaram posição para impedir sua barragem. Eis ahi, em traços longos, o que foi a actuação de minha columna de invasão de Santa Catharina. Não quero vangloriar-me do que não fiz, entretanto, exijo que me atribuam o que de facto realisei.¹⁸

Assim como Trifino Corrêa outros ex-integrantes da Coluna Prestes também participaram do levante de outubro de trinta, entre eles: Juarez Távora, João Alberto e Siqueira Campos¹⁹. A grande exceção dos líderes tenentistas foi justamente Luis Carlos Prestes que desde o início era contra o modelo de revolução proposto pela Aliança Liberal.

É importante frisar que a descrição de Trifino Corrêa do Combate da Serra da Garganta, citada anteriormente, só faz alusão a uma única morte durante a trajetória de sua coluna, e ainda assim, a morte de um legalista. Dessa forma, contraria ou mesmo ignora as mortes no combate na Serra da Garganta, descritas por Sálvio Rodrigues Brasil. Muito provavelmente outras mortes ocorreram em ambos os *fronts* no trecho de Araranguá, até Florianópolis. A descrição revela os atos militares que se sucederam durante o outubro de trinta no litoral catarinense, mas reflete a visão do vencedor. Nesse ponto já se pode estabelecer uma conexão com o trabalho de Edgar De Decca, *O Silêncio dos Vencidos*, em que estuda a apropriação do discurso revolucionário pelo governo. Ainda define que, quem é contra o Estado - que é o representante legítimo dos interesses nacionais - é inimigo da nação, segundo De Decca essa era a tônica do governo pós-30²⁰.

O combate da Serra da Garganta foi um entre tantos outros que devem ter ocorrido em todo o Brasil, mas que na construção da memória foram apagados pelo vencedor, para desprover os grupos opositores de argumentos, principalmente junto às classes populares. Assim, resolveu-se propagar a idéia de revolução como uma conquista, no sentido de legitimar o poder político do vencedor. Sobre isto, Edgar De Decca aponta:

A revolução é apresentada como unitária e monolítica e eis a lógica do exercício de dominação – divide a história, memorizando-a, e a historiografia, através de enfoques diversos, assume de ponta a ponta as oposições constituídas no interior desse campo simbólico²¹.

Contudo, se pode afirmar que o movimento político-militar de 1930 em quase todos os momentos se preocupou com a formação de uma imagem positiva para o conceito de revolução. Em particular esta que para eles havia se concretizado, tanto é assim, que uma das principais medidas das tropas ao ocuparem uma cidade era a intervenção no jornal local, que era a mídia com maior alcance popular da época. Dessa forma os noticiários poderiam ser selecionados e censurados conforme o ideário dominante. Em Florianópolis, cujos periódicos diários eram politicamente atuantes na defesa de interesses da classe dominante, não foi diferente, só que nessa capital a revolução tardou a ser concretizada, ao passo que, os veículos estudados tardaram a sofrer a ação dos interventores.

A CIDADE DESTERRADA

O recém eleito chefe do poder executivo estadual Fulvio Aducci, vencedor do pleito de três de agosto do mesmo ano, ficaria na função por movimentados vinte e oito dias, e por ironia, uma das primeiras felicitações que Fulvio Aducci recebe, é de Getúlio Vargas, na época presidente do Rio Grande do Sul²². É certo que a comunicação a que nos referimos se trata de uma formalidade entre os dirigentes de estados, mas também deixa evidente uma intenção de mostrar que tudo estava dentro da normalidade, seguindo os desígnios da já marcada revolução para o dia 03 de outubro.

As evidências mostram que antes mesmo da posse, Fulvio Aducci já sabia que os problemas não seriam poucos. Dessa forma, em um banquete que foi realizado no dia 1º de outubro e oferecido, segundo o jornal *Republica*, pelos “meios sociais e políticos de Florianópolis”, o recém eleito presidente de Santa Catarina, faz um pronunciamento interessante, que de forma resumida tinha o seguinte conteúdo:

Terra immensa e fecunda [...] – a nossa Patria magnifica e dentro della nosso formoso Estado hão de sobreviver ás **crises**, ás **revoluções**, ás **tranformações sociaes**, e ate aos **erros e ás loucuras de seus dirigentes**; e no esplendor de sua natureza, doçura de seu clima, recursos formidáveis que o solo e o sub-solo lhe offertam, com dadivosa abundancia. [...] Essas palavras de fé valem pela segurança de todo um programma e asseguram as altas finalidades de um promissor governo²³ (Grifo nosso).

O rumor da eclosão de uma onda revolucionária era latente, perceptível nas páginas dos periódicos locais após o resultado da eleição de 1930. No mês de outubro as notícias que eram tachadas de boatos por defensores da legalidade, começam a desencadear ações de repressão por parte do governo federal. O que bem ilustra essas atitudes é um editorial do jornal *O Estado*, do dia 1º de outubro, intitulado “As prisões feitas no Rio de Janeiro”. Também dá o seguinte destaque: “A polícia afirmou que era apenas boato”. A denúncia que chegou até a polícia afirmava que aconteceria uma reunião de revolucionários numa região do subúrbio do Rio de Janeiro, entre os quais haveria inclusive oficiais do exército a fim de realizar um levante contra a legalidade. Contudo, o boato foi desmentido apesar da prisão de um suposto comunista²⁴.

Nessa época havia algumas características marcantes na linha editorial do jornal *O Estado*; um de seus traços marcantes era o fato de que, em vários momentos o periódico cede espaço para os aliancistas, mesmo que esse espaço seja para desviar as atenções de um levante. Outro viés importante a ser informado é que em nenhum momento *O Estado* mostra-

se opositor a situação, sequer faz alguma crítica direta ao governo, pelo contrário, ressaltava os atos oficiais. Mesmo assim sua publicação fora interrompida no dia 15 de outubro, voltando a ser publicado apenas no dia 25 do mesmo mês. Vale a pena ressaltar que naquele momento o estado de sítio vigorava, e, portanto, a atuação da imprensa também estava restringida.

Em contrapartida, o periódico *Republica* apresenta o lado da legalidade. A edição do dia 05 de outubro traz notícias alarmantes sobre a situação em que se encontrava o país naquele momento. Nessa mesma edição foi publicada uma mensagem de Washington Luis dirigida ao Congresso Nacional solicitando o estado de sítio no estado de Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. O presidente da República justifica a sua solicitação alegando que nesses Estados, juntamente com a Paraíba que já estava em sítio, eclodira um “movimento subversivo”, e para ele, a situação que chama de “campanha impatriótica” é amparada pelos governos dos referidos estados. Dessa forma, destaca que Getúlio Vargas e Antônio Carlos chefiavam a sublevação. Ao fim da comunicação ainda solicita autorização para realizar operações de crédito que achar necessária para suprir as “despesas extraordinárias exigidas pelas circunstâncias”²⁵.

Paralelo a notícias que alarmavam a população sobre o movimento havia destaque para notícias que mostravam confiança na sustentação da ordem por parte das forças governistas. No dia 07 de outubro é divulgada neste mesmo veículo a vinda do general Nepomuceno Costa, postulado como o herói da legalidade, aquele que resguardaria a Ilha contra a intrusão das colunas vindas do sul do país. Nepomuceno Costa era comandante da 5ª Região Militar, sediada em Curitiba, que forçosamente se transplanta para Florianópolis, pois as forças liberais já haviam tomado o Paraná²⁶. Juntamente ao general Nepomuceno na defesa da legalidade em Florianópolis, o jornal *República* do dia 07 de outubro, acusa a chegada do almirante Heráclito Belfort à cidade, a bordo do Cruzador Bahia, para comandar sua esquadra em águas catarinenses.

Durante todo o mês de outubro, a impenetrável defesa Militar de Florianópolis contou com a guarnição de uma bateria de artilharia estacionada na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz, onde foram cavadas trincheiras²⁷. Ainda sobre a defesa militar postada na cabeceira da ponte, o General Waldomiro Castilho de Lima²⁸ envia um telegrama a Oswaldo Aranha em que afirma que a ponte estava eletrificada e que trinta metros de seu assoalho haviam sido arrancados²⁹. Mas o que os invasores mais temiam era a esquadra de torpedeiros comandados pelo contra-almirante Heráclito Belfort. Ao final das manobras os couraçados chegaram ao número de cinco, sendo que dois deles estavam desde o início do mês³⁰.

Entre os componentes da esquadra que guarneceu a Ilha durante o outubro de 1930 havia o cruzador Bahia que lançou âncora na baía norte e tinha a bordo 340 tripulantes deslocando 3.150 toneladas e medindo 123 metros que podia atingir a velocidade de 50 km/h. Seu poderio bélico era composto por 16 canhões, sendo 10 de 120 mm e 06 de 47 mm, além de 04 canhões antiaéreos de 76,2 mm e 02 lança torpedos. Mas devido a seu peso e calado de 4,41m, não pôde ingressar às águas próximas ao centro, por isso ficou fundeado próximo à Ilha de Ratonés Grande mais ao norte. Porém, antes mesmo do Cruzador Bahia aportar em águas catarinenses, já estavam na cidade os contratorpedeiros Maranhão, Santa Catarina e Paraná, também armados com canhões de 102 e 47 mm e tubos lança-torpedos³¹. Todo esse poderio bélico a serviço das forças legais, indubitavelmente, impediu qualquer atitude precipitada dos aliancistas.

No âmbito nacional, a gravidade dos acontecimentos fez com que o presidente Washington Luís tomasse medidas preventivas, decretando feriado do dia 06 até o dia 21 de outubro, através do seguinte decreto:

Atingindo as circunstancias graves creadas para o Brasil pela subversão da ordem publica em alguns Estados da Federação e considerando que é dever do Executivo zelar pelos supremos interesses da nação, decreta: Art. Único – Desta data, até 21 do corrente, inclusive, é considerado feriado nacional, ficando durante esse tempo suspensos todos os actos impraticáveis nos dias feriados, por Lei. Paragrapho unico: Exceptuam-se dessa medida somente as repartições publicas de caracter administrativo, menos a Caixa de estabilização³².

Por volta do dia nove de outubro os jornais de Florianópolis começaram a divulgar a convocação de todos os cidadãos matriculados na Capitania dos Portos a se apresentar imediatamente ao órgão da Marinha³³. Com isolamento da cidade uma nova situação começava a aparecer na imprensa, o temor pela interrupção do abastecimento de alimentos. O primeiro a suscitar a questão da escassez de alimentos foi o jornal *O Estado*. Este publica no dia 11 de outubro que o Ministro da Agricultura estivera reunido com o prefeito do Rio de Janeiro, juntamente com todos os diretores de frigoríficos e matadouros do Rio e de São Paulo, acertando as medidas para suprir uma temível interrupção do fornecimento de alimentos à capital da República³⁴. A precariedade no abastecimento de gêneros alimentícios chega a Florianópolis ao final do mês de outubro, quando no dia 24 é publicado no *Republica* uma matéria intitulada, “Abastecimento da Capital”, cuja intenção é mostrar as atitudes do governo para controlar os estoques de alimentos ainda existentes na Ilha. A esta altura, o *Republica*, era o único jornal publicado na cidade.

Na comparação entre os editoriais dos periódicos *O Estado e Republica*, publicados no dia 15 de outubro, encontramos interessantes conclusões. No *Republica*, o tom é de esperança, que a situação está sob o controle das forças legais e, além disso, saúda os bravos militares que estão no comando das forças militares em Florianópolis³⁵. Mas ao se observar cuidadosamente o editorial do *O Estado*, há divergências quanto à forma de se interpretar o movimento de outubro. Para esse jornal, a imprensa jornalística brasileira jamais registrara um “movimento revolucionário de tamanha extensão e tão ampla repercussão”. E ainda declara que o governo estava em “sérias dificuldades”, e que “as primeiras vitórias cabem aos que primeiro investem”, ou seja, os revolucionários. O que ainda se pode tirar do destacado editorial, é uma referência para o até agora esquecido ‘povo’. O trecho do editorial, referente ao sentimento do povo, assim se reproduz:

O povo, porém, ignora os ideaes do actual movimento. Rádios captados, aqui, ali, acolá, contêm farrapos contradictorios de um programma que ainda não poude ser corporificado em bloco analysavel. Como se explica, pois, que em torno d'elle se aggrupassem os elementos vanguardeiros que empunharam armas e se atiraram á offensiva, espalhando, o receio nos lares de tanta gente, alterando o rythmo da vida econômica da pátria, já tão solavancada por circumtancias derivados do après la guerre?...³⁶

Esta foi a última referência do jornal *O Estado* sobre os acontecimentos de outubro de trinta, antes do desfecho da revolução. O jornal oficial da legalidade, o *Republica*, trata de abafar os avanços das tropas revolucionárias com editoriais que aludem ao fracasso do movimento. Nesse período, o jornal *Republica*, apresentava notas da Capitania dos Portos do Estado de Santa Catharina, dando ordens a todas as embarcações – lanchas, canoas, barcas, etc. – para voltar ao porto da cidade, sob a pena de serem “postas a pique”. Entende-se por isso que elas deveriam ser alvejadas caso contrariassem a ordem expressa pelo órgão da Marinha. Dessa forma, até a atividade pesqueira que sempre foi intensa na cidade, estava restrita por conta de manobras militares.

No dia 16, o chefe do estado-maior dos revolucionários, Góes Monteiro, envia uma mensagem via rádio a Curitiba, direcionada ao coronel Franklin de Almeida Albuquerque, um dos líderes da defesa legalista. Esta mensagem comunicava que as tropas governistas já haviam sido dominadas e a autoridade federal estava restrita ao Rio de Janeiro e a Bahia, para onde as tropas revolucionárias estariam se dirigindo e conclui a mensagem da seguinte forma:

Informe-se exactamente da situação real do pais e da extensão do movimento, afim de não ser illudido por falsas noticias que o Governo

propala em desespero de causa. Pode mandar, querendo, um emissário ao meu encontro, em Curytiba, para onde me dirijo. Cordeaes saudações – Coronel Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior dos revolucionários³⁷.

Em resposta ao ultimato de Góes de Monteiro, o coronel Albuquerque, manda a sua mensagem, assim dizendo:

Minha attitude se deduz logicamente do meu passado. Farei hoje o que fiz hontem, cooperando com todas as minhas energias para o completo aniquilamento dos empreiteiros da desordem que infelicitam o meu pais. Meus compatriotas me encontrarão sempre onde estive: combatendo sem possibilidade de transigência. Poderá verificar isso, caso possa ou se arriscar a vir até aqui. Coronel Franklin de Albuquerque³⁸.

O desfecho das manobras militares da revolução de trinta estava perto, no entanto, até os últimos momentos os legalistas se mostravam convencidos de sua posição favorável, pelo menos era o que transparecia nos meios de imprensa. Uma das últimas tentativas de se desmobilizar o apoio aos aliancistas aparece na nota do dia 18, do *Republica*, em tentativa de vincular o movimento de outubro à causa separatista gaúcha. Para formular tal sugestão, foi utilizado o fato de que a bandeira nacional havia sido arriada em várias cidades gaúchas. O periódico conclui a nota, mais uma vez suscitando o patriotismo e promovendo antagonismo entre a “deslealdade triste” e a “verdade inconfundível”³⁹.

Faltando apenas um dia para a derrubada de Washington Luís, a Ilha de Santa Catarina estava completamente isolada do restante do país. As redes elétricas e conseqüentemente as de telégrafo foram cortadas, deixando a cidade às escuras. Prontamente o presidente Fulvio Aducci providenciou a instalação de geradores de energia, que conseguiram iluminar satisfatoriamente as ruas Duarte Schutel, Esteves Júnior e José Veiga, além das praças 17 de Novembro, General Osório e 13 de Maio. Foram também restabelecidas as instalações no Palácio do Governo, Quartel General, Quartel da Força pública, Chefatura de Polícia, Capitania dos Portos, Hospital de Caridade, Hospital Militar, além de ruas e praças que convergem aos destacados órgãos⁴⁰.

Enfim, no dia 25 de outubro de 1930, consumam-se as manobras político-militares no Brasil e conseqüentemente em Florianópolis. Desta feita, figuram em letras graúdas na página inicial de *O Estado*, que volta com sua publicação normal, estampando à primeira página a emblemática data, e abaixo os dizeres: “A entrada das Forças revolucionárias em Florianópolis – Extraordinárias manifestações populares”. Nessa edição, encontra-se a descrição da tomada de Santa Catarina através das palavras dos vencedores. Segundo a

descrição, a primeira “coluna revolucionária”, comandada por Ptolomeu Assis Brasil⁴¹ - que mais tarde viria a ser o interventor do estado catarinense – chegou à Praça XV de Novembro às sete horas e trinta minutos do dia 25 de outubro. Ainda sobre a matéria é descrito que após a execução do Hino Nacional “choveram braçadas de flores” sobre os soldados, “atiradas por senhoras e senhorinhas, enquanto outras agitavam lenços vermelhos”. Então, da sacada do Palácio do Governo, falam à população personagens da nova ordem política do Estado como: Oswaldo Mello, Nereu Ramos, Rupp Júnior e Ptolomeu Assis Brasil⁴².

Manifestações populares em prol da causa revolucionária foram noticiadas nas páginas do jornal *O Estado*, assim como se verifica na primeira edição do periódico, depois da deposição do governo:

25 de Outubro de 1930 – A entrada das forças revolucionárias em Florianópolis – Extraordinárias manifestações populares: Desde que se verificou a eclosão do movimento Revolucionário alastrando-se pelos quatro cantos do País, o povo de Florianópolis vem vivendo sufocantes apreensões⁴³.

Justifica o regozijo da população, pois:

Diariamente, a nossa população, alarmada, ouvia o canhoneiro da Marinha. As granadas causaram enormes estragos em propriedades da Palhoça, São José e Estreito (...) Ainda ontem à tarde, a estação de rádio do estreito foi rudemente bombardeada. Sob a explosão dos projecteis, as paredes esboroavam-se, fumegando. (...) As últimas noites, na capital foram trágicas. Sem luz, patrulhada rigorosamente, Florianópolis tinha aspecto desolador⁴⁴.

Ainda não se têm subsídios suficientes para determinar até que ponto essa receptividade foi legitimamente advinda dos populares ou incitadas pelos revolucionários. É fato que a população se situava em meio aos tiros dos *destroyers*, proibidos de realizar qualquer tipo de navegação, em alerta para a escassez de alimentos e ainda sem energia elétrica. Então, a entrada das tropas sulistas, como também é denominada, trouxe de certa forma um alívio à população, porém, situações de maior tensão vêm à tona, como se pode demonstrar a seguir:

A's 9 horas, mais ou menos, num súbito arremesso que nada pode deter, grande multidão partiu da Praça Quinze, rumo á Deodoro, gritando: - A' Folha Nova! Vamos á Folha Nova! E a massa popular aumentava, á proporção que avançava. O portão daquelle jornal, que em seus últimos números havia usado de linguagem julgada injuriosa pelos idealistas da Revolução, estava aberto. Por elle entrou o povo. Um redactor, que se

achava na casa, fugiu, seguido pelos typographos. Então, num relance, os populares, entre gritos de “Abaixo o pasquim!” e “Fora o gallego!” começaram a emborcar os caixotins, a derrubar prateleiras, a quebrar e a destruir todas as machinas. Houve quem se quisesse oppor á destruição daquella gazeta, mas o povo não attendeu e consumou a obra⁴⁵.

Outra situação, a respeito das manifestações populares é colocada à mostra:

Atirado ao mar o carro blindado

O carro blindado, que havia sido construído na Fiscalização dos Portos, para com elle ser atacada a Força Revolucionaria que ocupou esta cidade, foi hoje pela manhã conduzido do mercado publico, onde se encontrava guardado, para a praça 15 de Novembro; e, mais tarde, o povo levou-o daquelle logradouro publico para o cais Liberdade, jogando-o ao mar⁴⁶.

As duas situações citadas anteriormente iniciam um processo que se estende por todo o país, sendo que, todas as ações vão ao encontro do desmantelamento dos meios de divulgação do governo deposto. O jornal *Republica* sofre intervenção, através da nomeação de nova direção, e, além disso, a numeração do periódico que estava no nº 1217, no dia 24 de outubro, foi reiniciada no dia 26, marcando a nova atuação do órgão de imprensa. Em sua edição número dois, do dia 27 de outubro, destaca que o presidente Washington Luis estava preso na fortaleza de Copacabana e que o novo governo federal estava constituído pelos generais Augusto Tasso Fragoso, João Menna Barreto e o almirante Isaías de Noronha. Ainda nesta edição é dada a notícia de que foram incendiados “os jornais perrepistas *A Critica*, *A Vanguarda*, *O paiz* e *A Noticia*”. A preocupação com a formação de opiniões sobre a revolução era tamanha, que no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, todos os jornais legalistas foram empastelados, ou seja, destruídos por ação de manifestantes⁴⁷.

O ÚLTIMO SUSPIRO DA LEGALIDADE

Enfim a revolução de trinta chega a seu objetivo com a derrubada o governo de Washington Luis, ao passo que, Florianópolis foi o baluarte da legalidade no sul do Brasil. A Ilha resistiu até mesmo quando oficiosamente o governo de Fulvio Aducci havia sido deposto e já havia se destacado Blumenau como a capital de Santa Catarina. Na capital provisória o governo tinha como mandatário o cel. Arnaldo Mancebo Filho, cuja posse foi no dia 17 de outubro. Por esse governo Fulvio Aducci havia sido virtualmente destituído através decreto nº 1, cujo 3º parágrafo contava com a seguinte determinação:

3º- Que está virtualmente deposto o Dr. Fúlvio Aducci, Presidente do Estado, já diante da vontade popular que se manifesta pela adesão em massa ao movimento revolucionário, já por não ter a mínima acção de mando sobre qualquer parte do continente⁴⁸.

Mas essa atitude não foi suficiente para que a defesa da Ilha afrouxasse, e que Fulvio Aducci entregasse seu cargo. Florianópolis àquela altura era mais que uma capital com aspecto provinciano, era o símbolo da resistência legalista que se manteve até o derradeiro dia da derrubada do presidente da república, permanecendo ileso às tropas vindas do sul.

O que também prova a posição ímpar de Florianópolis é que no dia 17 de outubro é anunciado pelo jornal *A Cidade*, que além de Blumenau, Maceió, Belém, e toda a região norte do Brasil, com exceção do Amazonas, já estavam tomadas. Além destas, em Sergipe e no Estado da Bahia as ações também estavam prestes a se conformar e os mineiros já estavam dominando o norte do Estado do Rio de Janeiro. A certeza da derrocada do governo vigente, através do sucesso das manobras militares se confirmava em cada palavra publicada naquele periódico que já havia sofrido a intervenção dos aliancistas. A convicção da vitória já era tamanha, que no dia 15 de outubro, foi telegrafado de Porto Alegre aos banqueiros de Londres, Nova Iorque e Paris a seguinte mensagem, assinada por Getúlio Vargas, Olegário Maciel e José Américo, respectivamente presidentes do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba:

A revolução brasileira que esta sob a direção do governo dos Estados de Minas, Rio Grande do Sul e Parahyba e dos antigos presidentes da republica: Wenceslau Braz, Eptácio Pessoa e Arthur Bernardes afirma sob palavra de honra que autoridade presidente Washington Luis só está vigorando na Capital Federal, em parte do E. do Rio e em São Paulo. Revolução manterá todos compromissos do paiz assumido ate 3 de outubro, pelo governo federal e pelos Estados. A revolução, cuja victoria está assegurada, garantirá a propriedade e todos os nossos direitos individuaes como instituições republicanas.

Nesse mesmo dia o periódico da Capital provisória de Santa Catarina – *A Cidade* de Blumenau – informa a saída das tropas do Rio Grande do Sul rumo a São Paulo. Segundo o jornal, o batalhão que tinha como missão adentrar em solo paulista era composto por 18 mil homens e 10 mil cavalos, que partiram em 118 trens. A consolidação da revolução em todos os Estados do Brasil era questão de tempo⁴⁹.

Para uma melhor análise das matérias publicadas no jornal *A Cidade*, não é demais ratificar que o referido periódico já sofrera a intervenção, o que é óbvio pela sua total entrega ao movimento ‘antilegalista’ Brasil afora, como mostram as notícias já citadas. Essa

comparação serve para demonstrar a dissonância entre periódico de Blumenau e os de Florianópolis, que de forma geral defendem a legalidade. Essa característica enriquece a análise dos periódicos de Florianópolis, que na mesma época estavam ilesos da interferência dos sediciosos.

A posição de Florianópolis, como um dos últimos focos da resistência legalista do país é demonstrado pelas notícias do *Republica*, que até o dia 24 de outubro apresentava suas palavras de defesa ao governo de Fulvio Aducci e confiança na manutenção da legalidade⁵⁰. Mas na manhã desse mesmo dia, as fortificações do Distrito Federal, dão salvas de tiros, e, além disso, aviões sobrevoam a capital federal anunciando a queda do presidente Washington Luís, nesse momento uma junta militar formada pelos generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Alfredo Malan d'Angrogne, já estavam com o domínio da situação do país. Mesmo sabendo que Washington Luís só foi retirado do palácio da Guanabara e conduzido ao Forte de Copacabana às 17 horas, na manhã do dia 24 a revolução de trinta já havia chegado a seu objetivo. Tanto é verdade, que o esperado confronto com os paulistas que se postavam na divisa com o Paraná não aconteceu. Além disso, na manhã do dia 24 as redações dos jornais governistas, começavam a ser empasteladas⁵¹. As tropas liberais só adentraram na Ilha de Santa Catarina na manhã do dia 24 de outubro⁵², momento em que toda a defesa legal restante no país recua.

Não se pode deixar de mencionar que a afirmação de que Florianópolis fora um dos últimos focos de resistência, juntamente com o Rio de Janeiro e possivelmente São Paulo, está baseada na legalidade dos fatos, ou seja, a partir do momento que o presidente Washington Luís perde o poder e ocorre debandada das forças armadas, a legalidade muda de figura. Certo que nesse dia Vargas ainda não havia assumido o posto de presidente, mas o presidente estava deposto, e, portanto, após este momento qualquer resistência que por ventura tivesse ocorrido, não estava mais apoiando a legalidade. Inevitavelmente, podem ter ocorrido outros focos de resistência pelo Brasil, mas não deve ter havido no país cidade tão bem guarnecida como Florianópolis. O momento da derrubada do governo no Rio de Janeiro está documentado pelos esclarecimentos prestados por José Pessoa, comandante do 3º regimento de Infantaria, que tomou o palácio da Guanabara e retirou o presidente deposto. Isto apenas serve para ratificar que na manhã do dia 24 de outubro, Washington Luis já estava deposto, quando fora retirado, ao final da tarde, já era tratado como ex-presidente⁵³.

A NOVA ORDEM DO ESTADO CATARINENSE

O pós-30 se inicia oficialmente em Florianópolis, com a clara ascensão da “nova” oligarquia, puxada pela família Ramos, estampado da capa do jornal *Republica*, do dia 26 de outubro de 1930. O editorial exaltava o político catarinense, Vidal Ramos, da seguinte forma:

Vidal Ramos - Dos homens públicos que com maior devotamento têm servido, em nossa terra, os ideais que encheram de lindos sonhos e de esperanças radiosas os corações dos que fizeram a Republica, certo nenhum foi mais sincero, mais decisivo nos transe amargurados por que temos passado, mais abnegado no sacrificio e mais nobre e altivo nas attitudes, do que Vidal Ramos. Banido das posições a que tinha direito liquido e certo, porque era probo e era digno; amando e proferindo o povo de sua terra, nas suas rebeldias e nos seus anseios de justiça e de liberdade, soffreu, por isso mesmo, mas resignado e paciente, o vexame e a tortura de injustiças cruéis. [...] A um homem assim, que o povo cerca e ampara com a sua sympathia, não era e não é possível esquecer, nem mesmo nos grandes dias de ruído e justo regosijo como o de hontem. Também nós não o esquecemos, tanto mais que foi hontem o dia de seu feliz natalício. Daqui, República envia ao querido político catharinense os seus mais sinceros e affectuosos parabéns⁵⁴.

A imprensa inicia o processo de identificação dos novos nomes que iriam compor o novo quadro político do estado, sendo que desses personagens que completam a política estadual. Entre esses fazem parte fundamentalmente os oposicionistas do antigo PRC, agora na situação inversa. Porém, a nova elite dirigente se debruça nas mesmas estruturas de seus antecessores e procuram a adesão de várias correntes a fim de apaziguar os ânimos dos segmentos mais exaltados. Na edição do dia 26 de outubro do *Republica*, já com sua nova roupagem, é feita uma reverência ao movimento de outubro de 30, intitulada como: “O lenço vermelho dos gaúchos é o tope da revolução nacional”. Reafirmando a idéia de ‘revolução’, deixando claro que o termo não é simplesmente uma atribuição qualquer, mas um marco instituído pelos aliancistas, que por meio de seus órgãos de imprensa propagam a idéia de que uma revolução havia se consumado. Portanto, a designação *Revolução de 30* que a historiografia brasileira assumiu, não foi simplesmente ao acaso, mas um termo forte que faz parte da estratégia de institucionalização do novo governo.

Em contraste ao aparente rejúbilo apresentado na imprensa, havia outros sentimentos entre os populares que são silenciados na imprensa partidária da cidade. Esse viés pode ser observado no teor de um boletim espalhado pela cidade entre os dias 1º e 10 de janeiro de 1931. O referido boletim foi objeto de menção pelo deputado estadual Ermembergo Pellizzetti em seu diário, e se apresenta assim:

Catharinenses! Já chega de supportarmos o chicote, a opressão e as perseguições dos bandidos do Rio Grande! Levantemo-nos contra esta orda de soldados, expulsando-os de nossa terra, que fizeram colonia sua, com grande vergonha para os nossos brios de povo tradicionalmente altivo e sobranceiro. Catharinenses! Unamo-nos soldados do 14 B.C. e da polícia, está chegada a hora da vingança e do desafronto. Marinheiros! Auxiliae seus companheiros, na vingança dos teus irmãos assassinados, em Joinville e ultimamente em Biguassú, onde um valente marujo tombou com o craneo varado por uma bala de [...] e assassino gaúcho. Um Catharinense⁵⁵.

Ainda falta um maior estudo a respeito desse boletim, no sentido de investigar a procedência de seu teor e analisar se essa era realmente uma opinião corrente entre os populares ou uma visão de um pequeno grupo isolado e marginalizado pelos novos dirigentes. Mas de fato mostra que a revolução de trinta foi incapaz de convencer maciçamente a população de que havia ocorrido uma revolução em prol da população. Outro ponto que chama a atenção no boletim é a antipatia regional, com ares de xenofobia, que talvez tenha sido provocada pelo fato de que os catarinenses foram dirigidos por militares riograndenses até 1933.

Mas não é ao acaso que o ‘outubro de 1930’ foi, de forma uníssona, escolhido como um marco na História do Brasil, separando a República Velha da República Nova. Se não causou ruptura social mais intensa nem mesmo interveio na propriedade privada, ou muito menos trouxe à tona os anseios populares, a revolução de 1930 foi de certa forma, uma reação aos domínios senhoriais que insistiam em vigorar no Brasil. Mas de fato o que se pode concluir para o Estado de Santa Catarina, é que houve no pós-30 a afirmação da oligarquia local ligada à Aliança Liberal, onde se destaca a família Ramos, que passa a ditar os rumos da classe dirigente em âmbito regional e coloca às claras as mazelas que envolvem as disputas pelo poder. Por fim, a elite política do Planalto Serrano, representada pela família Ramos, se tornou a vencedora da contenda no âmbito estadual. Além disso, a força militar dispensada para a defesa da Ilha, em parte, estava ligada ao prestígio político de que dispunham os que em Florianópolis estavam, mas não era simplesmente isso que movia os ânimos militares para defesa, pois, muito antes de 1930, a Ilha de Santa Catarina já se configurava, como um excelente porto estratégico-militar.

Afinal ainda há muito que se pesquisar a respeito dos eventos de 1930, sobretudo os aspectos sociais que em parte ficaram relegados pela história. Admitimos também, que essas páginas não foram suficientes para dar ênfase a esse aspecto. Mas de fato a intenção foi buscar novas abordagens a respeito de um tema, de certa forma, paradigmático em sua base teórica. A partir deste trabalho, que objetivamente mostrou as ações e repercussões do

movimento de 1930 em Santa Catarina, através de uma releitura de algumas fontes já utilizadas e outras praticamente nunca analisadas, se pretende alcançar um novo olhar a respeito do que se convencionou chamar de ‘revolução de trinta’ e sua relação com as classes silenciadas pela História, tanto no transcorrer do movimento como na sua efetivação.

REFERÊNCIAS

Jornais

A Cidade, Blumenau, 17 e 18 de outubro de 1930. Nº 03 e 04.

Folha Nova, Florianópolis, 03 de agosto de 1929. Nº 837.

Folha Nova, Florianópolis, 03 de março a 02 de maio de 1930. Nº 1.012 a 1.061.

Folha Nova, Florianópolis, 4 a 22 de outubro de 1930. Nº 1.193 a 1.207.

O Estado, Florianópolis, 03 de março a 08 de maio de 1930. Nº 4.929 a 4.984.

O Estado, Florianópolis, 13 de junho a 17 de outubro de 1930. Nº 5.013 a 5.120.

O Estado, Florianópolis, 25 a 31 de outubro de 1930. Nº 5.121 a 5.126.

Republica, Florianópolis, 1º a 24 de outubro de 1930. Nº 1.198 a 1.217.

Republica, Florianópolis, 26 a 30 de outubro de 1930. Nº 1 a 5.

Fontes Orais

Relato oral de Sálvio Rodrigues Brasil ao Pe. João Leonir Dall’Alba. Apud. DALL’ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do Autor, 1973. P.345-346.

Internet

Carta de Lindolfo Collor a Oswaldo Aranha: <www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>. Acesso em: 25/08/2004.

Relatório sobre a tomada do Palácio da Guanabara: <www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>. Acesso em: 25/08/2004.

Bibliográfica

ABREU, Alzira Alves, *et al.* *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30*. Volumes I a V. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

CABRAL, Oswaldo. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Laudes, 1970.

CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Edufsc, Florianópolis 1984.

DALL'ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do Autor, 1973.

DE DECCA, Edgar. 1930: *O Silêncio dos Vencidos – memória, história e revolução*. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e História*. 16ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado, *et al.* *A Revolução de 30: texto e documentos*. Coleção temas brasileiros, Volume 14, Tomo II. Brasília: UnB, 1982.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. 18ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEMOS, Valmir. *Tombados e Esquecidos – 1930 a marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova Letra, 2005.

MACHADO, Aimerê Araken. *Atentados da Era Vargas*. Florianópolis: Insular, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Bugres, Tropeiros e Birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano*. In BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). *História de Santa Catarina no Século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

PELLIZZETTI, Beatriz. *Memórias de um Italiano na Revolução de Trinta em Santa Catarina*. Editora da FURB. Blumenau, 1997.

TRINDADE, Hélio. *Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. 11ª edição. Porto Alegre: LP&M, 1980.

VISCARDI, Cláudia M. R. Aliança “Café com política”. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, nº19, 2005, p.44-47.

¹ CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Edufsc, Florianópolis 1984. p 20-24.

² *Ibidem*, p.26-31.

³ **Folha Nova**, Florianópolis, 3 de agosto de 1929. nº 837, ano III. P.1. Manteve-se a grafia original, fazendo o mesmo com os demais documentos de época citados neste trabalho.

⁴ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado, *et al.* *A Revolução de 30: texto e documentos*. Coleção temas brasileiros, Volume 14, Tomo II. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. P.391

- ⁵ Tudo indica que o Assis Brasil, entrevistado pelo jornal *Estado do Rio Grande*, não se trata de Ptolomeu Assis Brasil, que mais tarde viria a ser o interventor do Estado de Santa Catarina, mas sim, Joaquim Francisco de Assis Brasil, fundador do Partido Libertador. Disponível em: <www.assisbrasil.org>. Acesso em: 31/08/2005.
- ⁶ **Estado do Rio Grande**, Porto Alegre, 19 de março de 1930. Apud TRINDADE, Hélio. *Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. 11ª edição. Porto Alegre: LP&M, 1980. P.361.
- ⁷ TRINDADE, Hélio. *Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. 11ª Ed. Porto Alegre: LP&M, 1980. P.362.
- ⁸ **O Estado**, Florianópolis, 28 de julho de 1930. P.1.
- ⁹ Arquivo F.C., Núcleo/UFRGS. Apud. TRINDADE, 1980. P.53.
- ¹⁰ Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>. Acesso em: 25/08/2004.
- ¹¹ **Republica**, Florianópolis, 05 de outubro de 1930. P.1.
- ¹² Relato oral de Sálvio Rodrigues Brasil ao Pe. João Leonir Dall'Alba. Apud. DALL'ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do Autor, 1973. P.345-346.
- ¹³ LEMOS, Valmir. *Tombados e Esquecidos – 1930 a marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova Letra, 2005. P.102.
- ¹⁴ ABREU, Alzira Alves, et al. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30*. Volume II. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. P.1617-1618.
- ¹⁵ **O Estado**, Florianópolis, 30 de outubro de 1930. Nº5125. P.1.
- ¹⁶ Idem.
- ¹⁷ Realmente na publicação original está escrito Rio da Prata, mas penso que se trata do Rio Fortuna a que se refere posteriormente, em hipótese alguma Trifino Correa está se referindo ao mais conhecido Rio da Prata, localizado a sul do Uruguai. Com certeza houve um erro de grafia ou um lapso do autor do texto.
- ¹⁸ **O Estado**, Florianópolis, 30 de outubro de 1930. Nº5125. P.1.
- ¹⁹ MACHADO, Aimerê Araken. *Atentados da Era Vargas*. Florianópolis: Insular, 2004. P.24-57.
- ²⁰ DE DECCA, op cit. P.24-25.
- ²¹ Ibid. P.74-75.
- ²² **Republica**, Florianópolis, 1º de outubro de 1930. Nº 1198. P.1.
- ²³ Idem.
- ²⁴ **O Estado**, Florianópolis, 1º de outubro de 1930. Nº5106. P.1.
- ²⁵ **Republica**, Florianópolis, 05 de outubro de 1930. Nº 1202. P.1.
- ²⁶ CABRAL, Oswaldo. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1970. P.345.
- ²⁷ LEMOS, op cit. P.102. 282.
- ²⁸ O General Lima comandou a invasão à Santa Catarina através de Lages. Apud LEMOS, 2005. P.129.
- ²⁹ LEMOS, op cit. P.102. 282.
- ³⁰ **O Estado**, Florianópolis, 25 de outubro de 1930. Nº 5121. P.1.
- ³¹ LEMOS, op cit. 109-110.
- ³² **Republica**, Florianópolis, 05 de outubro de 1930. Nº 1202. P.1.
- ³³ **Republica**, Florianópolis, 09 de outubro de 1930. Nº 1205. P.1.
- ³⁴ **O Estado**, Florianópolis, 11 de outubro de 1930. Nº 5114. P.1.
- ³⁵ **Republica**, Florianópolis, 15 de outubro de 1930. Nº 1210. P.1.
- ³⁶ **O Estado**, Florianópolis, 15 de outubro de 1930. Nº 5118. P.1.
- ³⁷ **Republica**, Florianópolis, 17 de outubro de 1930. Nº 1212. P.1.
- ³⁸ Idem.
- ³⁹ **Republica**, Florianópolis, 18 de outubro de 1930. Nº 1213. P.1.
- ⁴⁰ **Republica**, Florianópolis, 24 de outubro de 1930. Nº 1217. P.1.
- ⁴¹ Ptolomeu Assis Brasil, assume o comando da Coluna de Trifino Corrêa, ao chegar na região pela serra, nos últimos dias, antes do desfecho das manobras.
- ⁴² **O Estado**, Florianópolis, 25 de outubro de 1930. Nº 5121. P.1.
- ⁴³ Idem.
- ⁴⁴ Idem.
- ⁴⁵ Idem.
- ⁴⁶ Idem.
- ⁴⁷ **Republica**, Florianópolis, 28 de outubro de 1930. Nº 2. P.1.
- ⁴⁸ **A Cidade**, Blumenau, 18 de outubro de 1930. Nº 04. P.1-2.
- ⁴⁹ Idem.
- ⁵⁰ **Republica**, Florianópolis, 24 de outubro de 1930. Nº 1217. P.1.
- ⁵¹ ABREU, Alzira Alves, et al. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30*. Volume III. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. P.3329.
- ⁵² **O Estado**, Florianópolis, 25 de outubro de 1930. Nº 5121. P.1.
- ⁵³ Relatório militar sobre a tomada do Palácio da Guanabara. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>> acesso em 25/02/2006
- ⁵⁴ **Republica**, Florianópolis, 26 de outubro de 1930. Nº 1. P.1.
- ⁵⁵ BOLETIM espalhado em Florianópolis de 4ª pra 5ª feira. Catharinenses – Um catharinense. Citado no Diário de Ermembergo Pellizzetti. Entre os dias 1º ao 10 de janeiro de 1931. Apud. PELLIZETTI, op cit. P.120-121.

Recebido: Julho/2006
Aprovado: Maio/2007